

TCC/UNICAMP  
B23t  
IE/863



129000863



TCC/UNICAMP B23t

**TERCIARIZAÇÃO :**  
**UM REFLEXO DA REESTRUTUTACÃO INDUSTRIAL**

Vanessa Zabeu Baracat

Monografia de graduação apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Carolina A. F. de Souza, tendo como banca Profa. Ana Lúcia Gonçalves da Silva.

Dezembro de 1994.

**CEDOCAR**

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO**  
**INSTITUTO DE ECONOMIA**  
**UNICAMP**

TCC/UNICAMP  
B23t  
IE/863

## ÍNDICE

Introdução	03
Capítulo I	04
1.1 Reestruturação Industrial	04
1.2 O novo perfil do Setor Terciário	16
1.2.0 Introdução	16
1.2.1 Definindo Serviços	17
1.2.2 A inter-relação do Setor Industrial com o Setor Serviços	18
1.2.3 Desdobramentos do novo perfil dos Serviços	25
Capítulo II	27
Considerações finais	37
Bibliografia	39

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura chamar a atenção para uma tendência mundial verificada já há algum tempo, o crescimento da importância do Setor Terciário.

Esse é um tema pouco discutido, o Terciário ainda é uma área nebulosa e pouco conhecida, o que foi delimitante para este estudo.

No entanto, o que se procurou desenvolver primeiramente foi um panorama geral da Reestruturação Industrial como pano de fundo para a Terciarização. Em uma segunda etapa, buscou-se uma definição do Setor Serviços numa tentativa de clarear sua linha de atuação, principalmente com relação ao seu novo perfil, que vem se desenvolvendo continuamente diante das novas necessidades que vem surgindo.

Como parâmetro para esse estudo considerou-se os países de economias avançadas (Europa/EUA). Assim, observando as características gerais dos Serviços nas economias centrais, fez-se um confronto com a posição dos Serviços no Brasil, de onde se tem que esse também participa dessa movimentação mundial de Terciarização, mas é claro que de acordo com suas particularidades sociais, políticas, econômicas e regionais.

## CAPÍTULO I

### **REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL E OS SERVIÇOS**

#### **1.1 Reestruturação Industrial**

Dado o objetivo deste trabalho julga-se necessário um levantamento dos traços básicos desse movimento que marcou a história econômica mundial recente.

Pretende-se evidenciar os elos que a reestruturação produtiva criou com relação ao movimento de expansão e a posição que vem sendo delineada para o Setor Terciário nesse contexto. A tangência destes dois pontos (Reestruturação /Serviços) se dá através da terceirização.

A Terceirização é a chave para a compreensão do que se almeja apresentar; sendo portanto esta a razão da retrospectiva histórica-econômica . Esta torna-se de vital importância dado que compreender o Setor Terciário hoje, é saber entender e dimensionar o movimento de terciarização, e para tal, é imprescindível conhecer o que foi e como se deu a Reestruturação Industrial.

A Reestruturação Industrial pode ser vista como uma “revolução” gerada pela necessidade de sobrevivência das indústrias diante de um contexto de crise que exigiu inovações e reformulações. Teve suas raízes em fatos históricos-econômicos que a precederam de alguns anos.

Para melhor entendê-los é preciso voltar á situação do pós - Segunda Guerra Mundial, a partir da qual caracterizam-se três décadas de excepcional crescimento, principalmente para as economias avançadas, tendo no centro deste movimento o setor industrial, como mostra as tabelas 1,2,3 a seguir:

**Tabela1**

**Mundo e Regiões: Estrutura da Produção Industrial 1955 e 1977. (Percentagens sobre o produto bruto Industrial a preços de 1970).**

Regiões	Ano	Indústria				
		A	B	C	D	E
Mundo	1955	30	16	10	10	34
	1977	22	13	14	7	43
América do Norte	1955	22	17	9	10	42
	1977	19	15	16	6	44
CEE	1960	28	14	9	10	38
	1977	22	14	15	8	40
Europa Oriental e URSS	1955	39	13	8	10	30
	1977	23	10	11	7	49
Japão	1955	35	26	13	8	18
	1977	19	10	15	10	46
América Latina e Caribe	1955	56	14	13	5	12
	1977	34	12	20	8	26
Ásia	1955	71	8	11	3	7
	1977	54	11	10	5	20

Nota: A: Alimentos, bebidas e fumo; têxteis, vestuário, couro, calçados e diversos. B: Madeira e mobiliário; papel e editorial; produtos minerais não metálicos. C: Produtos químicos derivados do petróleo e borracha. D: Metalurgia básica. E: Mecânica.

Fonte: *Análises y Perspectivas del Desarrollo Industrial Latinoamericano*. CEPAL. agosto 1979.

In Fajanzylber, F. *Dinámica Industrial en las Economías Avanzadas y en los países Semi-industrializado*, 1981. In Teixeira 1983.

## Tabela2

### Mundo: Crescimento Industrial e Comércio de Manufaturas 1900/1950 e 1950/1975

	1900-1950	1950-1975	
1. Ritmo médio de crescimento (% anual).			
Produção de manufaturas.	2.8	6.1	
Comércio de manufaturas.	1.7	8.8	
2. Elasticidade-produção manufatureira do comércio de manufaturas.	0.64	1.41	
	1900	1950	1975
3. Comércio de manufaturas como proporção do produto interno bruto industrial (%).	22.4	13.7	25.7
4. Manufaturas no comércio total (%).	-	43.7	60.4
Manufaturas no comércio total, excluídos os combustíveis (%).	-	48.5	76.0
5. Composição do comércio de manufaturas (%)	1955	1975	
Total manufaturas	100.0	100.0	
Metais	17.4	12.4	
Produtos químicos	10.3	11.8	
Maquinaria e material de transporte	36.9	47.1	
Outros	35.4	28.8	

Fonte: Fanjnylber, F., in Teixeira 1983.

## Tabela3

### PIB Real e PIB Nominal por habitante, em diferentes países 1950/1976.

(Índices: EUA = 100 no ano considerado).

	PIB "real" por habitante: a preços internacionais constantes					PIB "nominal"	
	1950	1955	1963	1970	1974	1976	1976
EUA	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Canadá	-	-	77.0	81.9	90.4	90.3	95.2
Dinamarca	55	51	65.4	73.4	73.1	73.4	94.4
Noruega	53	55	62.5	68.4	72.7	76.4	94.0
Alemanha Oc.	37	51	67.4	74.5	75.7	76.0	93.5
Bélgica	52	53	55.3	62.3	68.4	65.9	85.9
França	46	49	63.1	71.7	77.0	78.5	83.0
Holanda	45	47	54.0	62.3	64.5	63.6	78.6

Continuação...

Japão	-	-	36.3	57.7	62.6	64.3	62.2
Inglaterra	55	57	63.9	62.5	61.4	60.1	51.0
Israel	-	-	51.5	56.2	63.7	60.0	49.7
Itália	25	29	43.3	48.7	48.0	46.8	38.7
Espanha	-	-	33.0	39.7	45.1	43.8	37.0
Singapura	-	-	23.0	31.7	40.2	42.4	34.2
Grécia	-	-	28.7	38.7	42.2	44.9	32.8
Irlanda	-	-	39.4	42.6	42.3	41.4	32.4
Hong-Kong	-	-	20.2	27.1	30.7	34.9	26.7
Portugal	-	-	20.7	27.1	33.8	31.5	21.4
Argentina	-	-	38.5	42.0	46.4	42.0	19.6
Brasil	-	-	21.8	23.0	29.4	31.1	14.4
México	-	-	23.8	26.0	26.5	25.4	13.8
Formosa	-	-	14.4	18.6	22.1	23.7	13.6
Chile	-	-	31.4	30.8	28.4	24.6	13.3
Turquia	-	-	17.8	18.4	20.8	22.6	12.5
Coréia do Sul	-	-	9.3	13.2	17.0	19.9	6.0
Índia	-	-	6.5	6.1	5.5	5.6	1.9

Fonte: OCDE, in Teixeira 1983.

A característica que melhor ilustra esse rápido crescimento é "a liderança exercida pelo setor industrial, tanto em termos de dinamismo e talvez o mais importante, da difusão da "lógica industrial", nos setores agrícola, construção, distribuição, transporte, serviços financeiros e alguns serviços públicos." (FAJNZYLBBER;1981). Em se tratando de um crescimento tão prolongado, três décadas, certamente é possível destacar movimentos diferenciados ao longo do período. A esse respeito pode-se citar a periodização proposta por Aloisio Teixeira (1983) que evidencia as mudanças do ritmo de crescimento de um modo mais didático. "Nesse sentido, pelo menos três movimentos distintos podem ser observados: no primeiro, predominante na fase que vai da adoção do Plano Marshall a meados da década de 50, a matriz básica do crescimento é o processo global de reconstrução econômica, com implementação de novos setores e impactos em cadeia sobre o conjunto

da estrutura industrial; no segundo, o impulso advém dos efeitos de difusão intra e intersetorial, em particular de um efeito acelerador sobre o setor de bens de capital; no terceiro, que se faz notar a partir do final dos anos 60, aproximam-se as taxas de crescimento, esgotam-se os impulsos intersetoriais e aparecem os primeiros sintomas de desaceleração e convergência do padrão de industrialização em curso." (TEIXEIRA;1983).

É pensando nesta didática periodização que se expõe o cenário mundial pós-Segunda Grande Guerra Mundial. O panorama mundial no pós Segunda Guerra Mundial é de desemprego, miséria e inflação. Os E.U.A. saem da guerra como uma potência capitalista hegemônica, e a partir de suas políticas vão definindo seu perfil de "ditador de regras". Em 1947 propõem o Plano Marshall, englobando grande volume de recursos para a reconstrução da Europa, e tornam-se mais flexíveis em relação às normas de Bretton Woods.<sup>1</sup>

Através de seu poder político e econômico os EUA vão difundindo novas bases para o processo produtivo, particularmente quanto ao padrão tecnológico de produção e consumo. Desenvolvido principalmente durante a segunda grande guerra, é disseminado pelo mundo gerando profundas mudanças. "A intensidade desse processo decorre basicamente do impacto da difusão de bens duráveis de consumo e da substituição de produtos naturais por sintéticos na matriz industrial, associada à resposta do setor de bens de capital que incorpora, multiplica e difunde o progresso técnico. Não é por outra

---

<sup>1</sup> Novas regras para as relações econômicas internacionais, definidas na Conferência Internacional de Bretton Woods pós Segunda Guerra. Ver Block 1989.

razão que a direção em que se intensificam os gastos em pesquisas e desenvolvimento." (TEIXEIRA;1983).

Associada a este padrão de crescimento, verifica-se também uma importante mudança quanto a fonte energética. Essa de fonte sólida (carvão) passa para o petróleo; outro aspecto a ser destacado na análise do processo de mudança estrutural e nas tendências da industrialização é o comportamento da demanda final, com relação ao seu dinamismo e composição, pelo peso que representa no desenvolvimento de uma determinada economia. As tabelas 4 e 5 são ilustrativas a esse respeito:

**Tabela 4**

**Taxa de crescimento do produto interno bruto (%).**

	<b>1870/1913</b>	<b>1913/1950</b>	<b>1950/1960</b>	<b>1956/1961</b>
<b>Bélgica</b>	2.7	1.0	2.9	2.5
<b>Dinamarca</b>	3.2	2.1	3.3	5.0
<b>França</b>	1.6	0.7	4.4	4.2
<b>Alemanha</b>	2.9	1.2	7.6	5.9
<b>Itália</b>	1.4	1.3	5.9	6.7
<b>Países Baixos</b>	2.2	2.1	4.9	3.9
<b>Noruega</b>	2.2	2.7	3.5	3.4
<b>Suécia</b>	3.0	2.2	3.3	4.0
<b>Suíça</b>	2.4	2.0	5.1	5.2
<b>Grã-Bretanha</b>	2.2	1.7	2.6	2.1
<b>Canadá</b>	3.8	2.8	3.9	1.8
<b>EUA</b>	4.3	2.9	3.2	2.3
<b>Média Global</b>	2.7	1.9	4.2	3.9

Fonte: Angus Maddison, in Teixeira 1983

**Tabela 5**  
**Taxas médias anuais de crescimento dos principais**  
**componentes do PNB a preços constantes (%).**  
**1961/1970**

<b>Países</b>	<b>Consumo privado</b>	<b>Gasto público</b>	<b>Investimento fixo</b>	<b>Exportação</b>	<b>Importação</b>	<b>PNB</b>
<b>Japão</b>	9.1	6.0	14.0	15.6	13.9	10.5
<b>França</b>	5.7	3.6	8.9	9.3	10.8	5.8
<b>Itália</b>	6.0	4.0	4.8	11.8	11.6	5.7
<b>Alemanha</b>	4.7	4.8	5.8	9.0	10.2	4.8
<b>EUA</b>	4.2	4.2	3.7	6.6	7.6	4.0
<b>Inglaterra</b>	2.3	2.2	5.3	4.7	4.2	2.9

Fonte: ONU, in Teixeira 1983.

Quanto a mudança do padrão de consumo, com a difusão dos bens duráveis, pode-se apontar ainda: "Em 1950 nos E.U.A. existiam 226 veículos para cada 1.000 pessoas; no Mercado Comum Europeu, 23 e no Japão, uma cifra desprezível. Em 1976, na Europa, a densidade havia-se elevado para 287, com mais de 300 veículos para cada 1.000 habitantes na França e na Alemanha; no Japão, a cifra era na mesma data de 164. Enquanto na Europa se multiplicava por dez, nos E.U.A. somente duplicava, alcançando uma densidade de 485 automóveis por cada 1.000 pessoas." (FAJNZYLBBER;1981).

Como síntese, pode-se recorrer as observações de Teixeira (1983):

"... boa parte do que havia escapado à destruição achava-se em mau estado de conservação, por falta de manutenção, ou havia-se tornado obsoleto, dado o progresso técnico realizado durante o conflito. Tudo isso favoreceu as despesas de investimento, cujo montante se amplia consideravelmente. Por outro lado, em consequência do

progresso técnico, começa a se multiplicar as oportunidades de investimento, com a montagem de novos setores, a indústria química, a eletrônica, o aproveitamento de novas fontes de energia, a substituição de produtos naturais por sintéticos." (TEIXEIRA;1983).

Encerrada a fase de suprimento às necessidades básicas, o crescimento industrial, em um segundo momento, concentra-se no bens de capital. Dado o padrão de consumo difundido pela potência hegemônica (E.U.A.), configura-se um novo perfil da demanda; novos itens vão sendo agregados ao leque de produtos oferecidos ao consumidor (automóveis e as motocicletas, rádios e televisores, e os diversos tipos de aparelhos eletrodomésticos que iam surgindo).

Essa nova linha de consumo reafirma e retroalimenta o crescimento industrial; propicia também o incremento da produtividade, ampliando o ritmo de acumulação e expandindo o potencial de mercado devido às elevações das remunerações, recursos voltados para as pesquisas, etc.

A homogeneização do padrão facilita a intensa concorrência generalizada em todo o mundo conduzindo a aplicação da diversificação intra-setorial e espacial. "A convergência do padrão industrial pode ser verificada não apenas em termos da estrutura industrial ou de ritmos de crescimento dos diversos setores, ou ainda pelos padrões de consumo, mas também pelos padrões de vida. "(TEIXEIRA;1981) Como se apresenta na tabela 6:

**Tabela 6**

**Taxas anuais de crescimento dos principais componentes da demanda final (%).  
1950/1960.**

<b>País</b>	<b>Consumo Privado</b>	<b>Gasto Público</b>	<b>Formação bruta do capital fixo</b>	<b>Exportação</b>	<b>Total da demanda final</b>
<b>Japão</b>	8.2	6.9	17.2	12.7	9.5
<b>Alemanha Oc.</b>	7.3	5.7	9.9	16.5	7.6
<b>Itália</b>	4.5	7.4	9.0	12.6	5.9
<b>Áustria</b>	5.1	4.1	7.5	14.1	5.9
<b>França</b>	4.3	3.7	5.0	5.7	4.3
<b>Holanda</b>	3.5	3.3	5.7	9.8	4.7
<b>Finlândia</b>	-	-	-	-	4.6
<b>Austrália</b>	3.1	4.0	4.6	6.9	3.9
<b>Noruega</b>	2.6	5.0	3.0	6.8	3.5
<b>Nova Zelândia</b>	3.4	3.8	5.3	5.8	3.5
<b>Bélgica</b>	2.3	3.2	2.6	8.0	2.9
<b>EUA</b>	3.2	6.1	2.0	5.3	3.3
<b>Inglaterra</b>	2.4	1.9	5.3	2.3	2.7
<b>Canadá</b>	4.4	5.4	3.7	3.7	3.8
<b>Dinamarca</b>	2.8	4.0	6.4	7.1	3.4
<b>Suécia</b>	2.5	4.5	5.0	5.6	3.2

Fonte: ONU, in Teixeira 1983\*

Ao final da década de 60, os sintomas de queda do dinamismo das economias capitalistas avançadas passam a ficar evidentes sinalizando o esgotamento do padrão industrial vigente; inicia-se um processo de desaceleração do crescimento industrial.

Explicitar a raiz desse processo declinante não é tarefa fácil. As causas são diversas, mas há um aspecto que pode elucidar a lógica dos fatos. Esse aspecto refere-se a reversão de todo processo ligada principalmente à saturação da difusão de bens duráveis, o que limita o

efeito acelerador como resultado dos investimentos do setor de bens de capital. Desse modo o "círculo virtuoso", retroalimentação do processo de crescimento industrial, é interrompido e a produtividade decai, diminuindo também o ritmo de crescimento, com o aumento da capacidade ociosa, e desestímulo as inovações, gerando assim, o endividamento, o desemprego, a inflação, etc. Um "círculo vicioso" sucede a virtuosidade anterior comprometendo a capacidade de autosustentação do processo.

Os efeitos desses fatores são potencializados pelo "choque do petróleo" que atua não como desencadeador, mas como reforçador e intensificador das pressões e tendências já estabelecidas e que viriam a representar papel de importância na crise dos 70.

No início da década de 70, pode-se detectar a emergência de um novo padrão, que propunha uma retomada no dinamismo da indústria. A recessão na grande maioria das economias avançadas estimula a busca de saídas para a crise e medidas que possam propiciar a retomada do dinamismo em novos mercados, nos quais pudessem manter seus níveis de rentabilidade.

O cenário de mudanças marca o processo de reestruturação produtiva freqüentemente denominada "Terceira Revolução Industrial". Os principais elementos que caracterizam esse novo padrão de industrialização são: emergência da energia nuclear, tecnologia de informação (eletrônica), telecomunicações, computação, bioengenharia, novos materiais, novos processos, química e mecânica fina, automação flexível, etc. Esses fatores desenvolvem-se em grande parte como resultado de intensos investimentos em P&D, dada a incessante busca

por novas fontes de rentabilidade e de competitividade. A respeito das mudanças que esse novo padrão tecnológico estabelece observa-se:

" a) a redução drástica do peso da mão-de-obra direta no processo de produção, com maior relevância para os requisitos de qualificação da mesma; b) diminuição do peso dos recursos naturais e energia no produto final; c) redução dos deslocamentos de investimentos para países periféricos em busca de baixos custos salariais." (SUZIGAN;1989).

No contexto da reestruturação produtiva é um movimento que visa atingir a flexibilização e integração, pois passam a ser aspectos vitais para a eficiência das empresas industriais inseridas neste novo perfil da economia mundial. Sendo assim, não é apenas a base técnica que se torna o foco de atenção no que tange aperfeiçoamento/ inovação, mas também os aspectos organizacionais passam a ter expressiva importância nos processos decisórios das empresas. Em outras palavras, a coordenação exigida dado o mercado extremamente instável, é muito mais complexa; a tecnologia tem uma alta velocidade de inovação passando a requerer mão-de-obra mais qualificada e treinada. Para exemplificar, "...pode-se lembrar a atuação de empresas alemãs e japonesas que passaram a adotar tecnologia mais recente de forma encadeada em diversos setores. A maneira de coordenar é distinta, a produção é flexível baseada em relações entre firmas. Utilizavam uma lógica diferenciada de administração de empresas, com produção de bens estruturados em tecnologia de alta mutação, reduzem seus custos transacionais via relações técnicas e econômicas estáveis com os fornecedores e distribuidores, possibilitando desta forma, a coordenação coletiva de atividades produtivas." (TEIXEIRA;1983).

O que se tem, portanto, é a empresa fundamentada em uma lógica organizacional e produtiva totalmente diversa. A empresa passa a ser organizada de cima para baixo para obter melhores resultados nos processos e produtos.

Nesse novo perfil produtivo, a busca constante de melhorias e complexas relações "interempresas" são os pontos que melhor delineiam a nova estrutura produtiva capitalista.

Em suma tem-se que o período recessivo do início dos 70 impulsionou o desenvolvimento de novas técnicas que buscavam rápidos avanços tecnológicos, diferenciação em novos produtos, conquista de novos mercados; tudo isso agregado à preocupação de melhoria dos processos e qualidade dos produtos que juntamente com o objetivo de redução de custos passaram a ser metas arduamente perseguidas por todos os ramos de atividade da nova economia capitalista que se apresentava naquele momento e que se estenderia ao longo dos próximos anos.

O progresso dessa nova linhagem de pensamento fez com que as inovações avançassem rapidamente em todas as direções; isto é, houve uma "transmissão" realmente ativa das novas tecnologias no sentido Setor Bens de Capital para os outros setores (entendendo o setor de bens de capital com fonte geradora, como ponto propulsor de toda a movimentação do avanço tecnológico e suas ramificações), mas principalmente para o Setor Serviços.

## 1.2 O novo perfil do Setor Terciário

### 1.2.0 Introdução

Em paralelo a nova estrutura produtiva percebe-se um incremento significativo do setor serviços no PIB de diversos países e também a qualidade de sua participação na economia via atividades exigidas pela indústria. As relações entre empresas passam a requerer muitos serviços, alguns deles podem ser externalizados (terceirizados-contracted out); outros como serviços distributivos (comunicações, transportes, estocagem, vendas), ao produtor (financeiros, legais), ou sociais (educação, saúde) tornam-se de grande importância dada relação estreita com o setor industrial.

Até a ligação desses dois setores se tornar explícita, tem-se um período de transição para se evidenciar abertamente a influência da prática tecnológica de um em relação ao outro (Setor bens de capital / Setor serviços). "...os novos serviços industriais ganham uma posição crescente e dominante; principalmente se seus mercados consumidores, se seus desenvolvimentos envolverem mudanças/ inovações nos produtos e nos processos." (BARRAS;1986). Isto porque o incremento a ser transferido ao Setor Serviços torna-se cada vez maior e conseqüentemente a carência de serviços especializados também; deste modo a "dependência" do Setor Industrial com relação aos Serviços tende a crescer.

A compreensão da organização da produção dos serviços e sua articulação com as empresas industriais torna-se fundamental para o entendimento da nova forma de concorrência industrial.

### 1.2.1 Definindo serviços

Um dos aspectos mais ressaltados do Setor Serviços é quanto a sua heterogeneidade que o caracteriza. Essa heterogeneidade dos serviços refere-se à diversidade que o setor apresenta na sua inserção na economia, isto é, está presente em diversos pontos totalmente distintos. "...heterogeneidade dos serviços que se estendem dos salões de beleza e restaurantes aos produtores de software e às telecomunicações, passando pelas atividades médicas e educacionais, bem como por algumas áreas de litígio entre as indústrias de transformação e de serviços." (SILVA;1990).

No entanto algumas abordagens tentam se aproximar de uma delimitação para o setor. A partir de suas características mais importantes estão "a intangibilidade, a simultaneidade de produção e consumo, a impossibilidade de estocar serviços e sua perecibilidade." (SILVA;1990).

A ênfase na intangibilidade do produto, baseada no processo de produção e no que define caráter residual de setor serviços-atividades produtivas que não se enquadram nem no Setor Industrial, nem em Extrativismos e nem Agrícola são comuns em trabalhos sobre o setor.

Mas esses aspectos não são suficientes para uma caracterização mais completa desse setor. A esse respeito cabe destacar as abordagens de Hill(1977) e Riddle(1986).

Hill propõe uma classificação dos serviços a partir de sua interação com as pessoas (serviços médicos, educacionais, recreativos...) ou as "coisas" (serviços de manutenção, reparação, transportes...). No entanto deve-se observa que: uma parte dos serviços diz respeito não propriamente a pessoas e "coisas", mas à organização de ambas (serviços de gestão, contabilidade, organização do trabalho...).

A proposta de Riddle parece ser a mais completa; partindo de três elementos: a natureza do produto, dos *inputs* e do propósito do processo de produção deve haver um direcionamento no sentido de aproximar de uma boa definição dos serviços.

"A definição completa de Riddle: Serviços são atividades econômicas que provêem utilidades de tempo, lugar e forma ao causarem uma mudança no ou para o usuário do serviço.

Os serviços são produzidos pelo produtor atuando para o usuário; com o usuário fornecendo parte do trabalho e/ou com o usuário e o produtor criando o serviço em interação." (Silva, 1990).

### 1.2.2 A inter-relação do Setor Industrial com o Setor Serviços

A nova estrutura produtiva , organizacional que estabelece novas formas de relação; ou seja, as relações interempresas, intersetoriais que tornam a produção mais flexível, (alianças estratégicas, coalizões, subcontratações...) - O novo padrão de concorrência que se estabelece tem um novo patamar de importância para o Setor Serviços.

Avançando com relação a produção em massa, padrão difundido pela hegemonia norte-americana nos anos 50, onde as empresas buscavam diminuição dos custos transacionais via integração vertical (CHANDLER;1977)- empresas inseridas em um contexto mais dinâmico quanto as inovações e concorrência vão buscar a redução de seus custos transacionais com relações técnicas e econômicas estáveis e de longo prazo ( com fornecedores, distribuidores...).

As novas necessidades das empresas leva obrigatoriamente a busca de melhorias nos produtos e processos. A melhoria contínua é uma estratégia de produção que explicita a redefinição da atividade empresarial que passa ser coletiva, conjunta e não mais individual, isto no sentido que as relações inter-empresas se tornam vitais.

O crescimento do Setor Serviços ocorre, pois funções antes internalizadas pelas empresas, devido a busca de autonomia, sinergia de modo a não se tornarem dependentes de uma organização hierárquica de funções, passam a ser externalizadas. Por outro lado os serviços tradicionais (transportes, vendas, finanças, leis, educação, saúde...) ganham importância na medida em que novos laços vão se estabelecendo entre eles e as empresas industriais.(CHANDLER;1977).

A dimensão dessa inter-relação indústria/serviços é bastante ampla. Em grande parte a dinâmica do Setor Serviços é dependente com relação à produção industrial, é o que Katouzian (1970) denomina de "serviços complementares" para o processo de industrialização.

Há um crescimento dos serviços em função do bom andamento do Setor Industrial, essa ligação se expressa através da externalização de algumas atividades como por exemplo: as finanças, os transportes, as vendas (atacado e varejo), manutenção, distribuição...

Complementando pode-se dizer que a Terceirização das empresas dentro do novo paradigma tecnológico ocorre na maioria das vezes em duas situações:

- quando a demanda é por serviços de alta especialização (natureza tecnológica, *design*, assistência técnica, marketing, P&D,...), evitando a necessidade de se desenvolver tais capacidades internamente, o que representaria custos muito elevados.

"O uso de serviços externos especializados (...) evita a necessidade de desenvolver capacitação dentro da firma que é pouco utilizada ou não se enquadra na estrutura existente de postos de trabalhos qualificados na firma." (PETIT;1984).

- quando a demanda é por serviços de baixa especialização (limpeza, segurança...), de modo que seja possível excluir certas ocupações do mercado de trabalho interno à firma e usufruir das condições vigentes no mercado de trabalho externo. (SILVA;1990).

Por outro lado, é evidente que o desempenho do setor industrial está vinculado a evolução do setor serviços, particularmente em certas atividades que viabilizam o sucesso de todo seu processo produtivo.

Essa dependência é expressa na medida em que quanto mais eficiente for a interação dos dois setores há uma melhora significativa na produção das indústrias. Em outras palavras, tem-se que a lucratividade das indústrias vem gradualmente estreitando seus laços de dependência com os serviços na medida em que, o uso da tecnologia de serviços seja eficiente (produtos "customizados", diminuição do percurso do ciclo de vendas, distribuição mais rápida...) e também através da administração (manipulação) de informações por parte das empresas com relação a fornecedores, novas tecnologias, tendências de mercado,... . Outro

ponto relevante é "a relação direta da indústria ser capaz" de diminuir seus custos via serviços (comunicação, transporte, distribuição...).

Dentro da correlação indústria/serviços exposta anteriormente pode-se ainda expor uma ligação mais estreita, o que é explicitado de modo claro por Porter. O autor apresenta relações do tipo:

- serviços ligados à venda de produtos manufaturados - é a ligação entre Setor Industrial e Serviços que ocorre quando a venda de um bem industrializado cria a demanda por serviços (exemplos: venda de computadores gerando demanda por programas, treinamentos,...e/ou elevadores criando a necessidade da assistência técnica...).

- bens industrializados ligados à venda de serviços - é o inverso do caso anterior. A venda de alguns serviços pode levar ao aumento da demanda por determinados equipamentos, bens industrializados (exemplos: consultores de engenharia suecos colocaram produtos suecos na construção de projetos como portos, torres d'água,...)

Enfim, as empresas industriais se encontram em um posicionamento onde manter uma capacidade de serviços permanente na própria firma torna-se cada vez mais ineficiente. Elas estão recorrendo às companhias de manutenção, consultoria, relações públicas..., que são empresas de serviços externas as quais podem ser consultadas e demandadas apenas quando for necessário, transformando custos fixos em custos variáveis.

Os primeiros levantamentos sobre a Terceirização no Brasil dão alguns indícios da amplitude dessa prática e de suas características, como pode-se observar na reportagem: "Os prós e contras que permeiam a Terceirização apontados por especialistas no assunto e empresários do setor, in " *Revista Distribuição*, nov. 93. Uma das pesquisas foi feita

pele Centro Nacional de Modernização (CENAM), junto a 2350 empresas em São Paulo, Ceará e Santa Catarina (FOLHA DE SAO PAULO 24.03.93); tal pesquisa revela que, praticamente a metade (48%) adota ou já utilizou a prática de contratar serviços de terceiros para determinadas atividades. Das que já terceirizaram, 70% consideram ter obtido sucesso absoluto, 20% sucesso parcial e 10% nenhum sucesso.

PESQUISA SOBRE TERCEIRIZAÇÃO	
1. Empresas que terceirizaram	
somente área de apoio	35,00%
somente área de produção	2,50%
áreas de apoio e produção	62,50%
2. Áreas de apoio terceirizadas	
faxina/limpeza	62,50%
segurança/portaria	47,50%
transporte	40,00%
copa/cantina/restaurante/cozinha	40,00%
conservação/manutenção/reparos	40,00%
projetos/engenharia	15,00%
processamento de dados/digitação	12,50%
ambulatório médico/enfermaria	12,50%
serviços gráficos/xerox	12,50%
construção civil	10,00%
3. Local de trabalho dos trabalhadores terceiros	
dentro da empresa cliente	52,50%
fora da empresa cliente	12,50%
dentro e fora da empresa cliente	30,00%
4. Empresas que mantém subcontratação temporária	47,50%
5. Empresas com planos de terceirização	65,00%
6. Empresas com algum tipo de acordo	
sobre terceirização	5,00%

Fonte: Dieese, Pesquisa do Dieese, maio/93.

Em meio, ainda a muitas dúvidas, o "boom" da Terceirização se caracteriza, segundo a Andersen Consulting que vem dedicando atenção especial a essa tendência mundial, 95% das empresas de médio e grande porte do planeta querem passar suas atividades de apoio para especialistas. Os dados mostram também que 30% das empresas no mundo deverão ter atividades terceirizadas nos próximos sete anos.

De acordo com a Andersen Consulting a tendência é que no Brasil esse crescimento seja ainda maior, devido ao processo de transformação que o país vem atravessando (busca desenfreada pela qualidade).

Uma outra empresa de consultoria, a Coopers e Lybrand fez uma pesquisa com 128 empresas brasileiras que acabou por fortalecer a proposição anterior apresentada pela Andersen.

A pesquisa revelou que 50% das empresas estão estudando a terceirização de alguma atividade. A justificativa que essas apresentam vai de encontro ao que os consultores expõe; "O correto é que 100% da equipe esteja envolvida com o verdadeiro fim da empresa" (MARINS;1994).

Nos EUA uma pesquisa realizada com as 500 maiores e melhores empresas americanas indica que 80% delas vão terceirizar alguma atividade até o ano 2000, isso permite dizer que a Terceirização é uma tendência, ao que tudo indica, definitiva.

MERCADO MUNDIAL	
PROJECAO DE CRESCIMENTO DO MERCADO DE TERCEIRIZACAO ATE O ANO 2000 (EM DOLARES)	
(ANO 2000)	65 BILHÕES
(ANO 1993)	14 BILHOES

Fonte: Revista Distribuição nov. 1993.

Ainda uma outra pesquisa realizada pelo consultor Carlos A. Soares de Queiroz, de jan./ago.1994, mostra as áreas mais terceirizadas. Foram consultadas 212 empresas com 500 a 5000 funcionários.

AREAS MAIS TERCEIRIZADAS	
limpeza/conservação	58%
assistência médica	56%
alimentação	50%
transportes	47%
segurança/vigilância	46%
serviços jurídicos	39%
manutenção geral	36%
assistência técnica	35%
frota de veículos	27%
engenharia geral	24%
receptionistas	13%
telefonistas	13%

O Setor Serviços vem se aperfeiçoando e especializando continuamente. Seu perfil interno também esta se modificando, dada sua nova inserção na economia como um todo. Isto é, nas indústrias de serviços as atividades têm se caracterizado pelo uso intensivo de mão-de-obra, porém a intensidade do uso de capital vem aumentando. Esse

aumento de capital está gerando uma automatização das atividades das empresas de serviços, ou seja, a introdução de tecnologia nova acaba por provocar mudanças na estrutura da "indústria de serviços" e também em suas vantagens competitivas. A "indústria de serviços"; diante de sua nova importância econômica, também sofre um processo de reestruturação interna que é de extrema relevância para seu funcionamento eficiente e portanto para sua manutenção enquanto um setor imprescindível para a economia.

### 1.2.3 Desdobramentos do novo perfil dos serviços

Além dos pontos já expostos, é preciso lembrar que a exigência do mercado é cada vez maior, fazendo com que haja um constante aperfeiçoamento generalizado dos serviços, mas principalmente no que tange o consumidor (o bom atendimento torna-se imprescindível). Mas esse atendimento especial não é apenas ao nível das famílias, mas inclusive com relação as empresas e instituições.

Com o acirramento da concorrência, todo e qualquer ganho torna-se importante. Diante disto ressalta-se a prestação de serviços que têm representado parte bastante significativa na composição dos lucros das firmas de serviços.

Com este novo cenário de concorrência surgem novas "filosofias", as quais têm modificado toda a estrutura das "indústrias de serviços". Elas vêm se tornando mais flexíveis, integradas e descentralizadas; têm agora a preocupação em educar e treinar seus empregados com o intuito de torná-los mais eficientes e capazes de produzir e oferecer

melhores serviços. Um outro aspecto com relação ao padrão de empregados, estes são mais livres para tomar decisões e portanto são mais responsáveis pelos seus atos e suas conseqüências.

A "nova" empresa tem diminuído seus cargos de gerência e se preocupado mais com as linhas de frente de atendimento; ainda buscando maior integração e eficiência, os empregados percorrem varias funções internas da empresa e, por outro lado, esta apresenta um plano bem dinâmico de carreira.

O papel da "nova indústria de serviços" baseia-se em três pontos, nos quais se apoia firmemente: força de trabalho, tecnologia e consumidor. O desenvolvimento desses três aspectos facilita o sucesso da "indústria de serviços" com a apresentação de serviços de boa qualidade aliada à eficiência do bom atendimento.

Com relação à força de trabalho, o desenvolvimento dessa se dá pelo forte investimento que as empresas fazem (educação, treinamento,...); quanto a tecnologia, esta é utilizada e incorporada não apenas para obter ganhos de produtividade como também para melhorar a qualidade dos serviços; e por fim o consumidor que é conquistado pelo bom atendimento, pela eficiência de assessoramento técnico, e pelo bem estar e sensação de segurança em trabalhar com determinada empresa (fidelidade).

## CAPÍTULO II

### **SETOR TERCIÁRIO BRASILEIRO**

As circunstâncias que impulsionaram a industrialização brasileira foram, de modo geral bem distintas das que desenvolveram a industrialização dos países centrais. Algumas particularidades históricas acabam por caracterizar de maneira diferenciada o perfil do Brasil com relação aos países avançados, inclusive com relação a evolução e inserção do setor Terciário na economia.

Muitos estudos e trabalhos que abordam a evolução da economia brasileira durante esse período destacam seu significativo desempenho. Industrializar o país e não apenas fazer com que este tivesse um crescimento industrial, era a meta. Buscou-se a fundamentação das indústrias de base principalmente, acreditando-se que estas seriam o eixo propulsor de toda a cadeia industrializante (possibilitando a dinâmica interna de acumulação).

O grande desempenho da economia brasileira, dado o processo de industrialização acelerada, gerou uma modificação no perfil do Setor Terciário alterando sua composição enquanto a distribuição setorial do PIB. Como pode ser observado nos dados das tabelas a seguir:

**Tabela 7**

**Taxas anuais Médias de crescimento do PIB, Segundo Setor de Atividade  
Brasil 1950/1990**

**Taxas Anuais Médias do PIB Real**

<b>Setor de atividade</b>	<b>1950/60</b>	<b>1960/70</b>	<b>1970/80</b>	<b>1980/90</b>	<b>1950/80</b>
<b>Total geral</b>	<b>6.09</b>	<b>5.38</b>	<b>12.37</b>	<b>1.32</b>	<b>7.90</b>
<b>Agropecuária</b>	<b>2.79</b>	<b>1.32</b>	<b>10.27</b>	<b>1.39</b>	<b>4.72</b>
<b>Indústria</b>	<b>9.17</b>	<b>6.91</b>	<b>13.04</b>	<b>1.14</b>	<b>9.67</b>
*transformação	9.45	6.52	13.02	-1.02	9.63
*construção civil	7.77	6.99	14.15	-1.12	9.59
<b>Serviços</b>	<b>6.73</b>	<b>6.31</b>	<b>10.87</b>	<b>1.40</b>	<b>7.61</b>
*comércio	6.91	5.43	7.27	1.17	6.53
*transportes e comunicações	7.56	6.68	12.66	3.15	8.93
*instituições financeiras	3.11	14.55	14.50	1.39	10.59
*administração pública	5.66	9.81	7.74	1.37	7.72
<b>Outros serviços</b>	<b>5.01</b>	<b>2.78</b>	<b>17.53</b>	<b>1.41</b>	<b>8.25</b>

Fonte: IBGE, 1986. in São Paulo em perspectiva.

**Tabela 8**

**Distribuição do PIB, Segundo setor de Atividade  
Brasil 1950/1990**

<b>Setor de Atividade</b>	<b>Distribuição do PIB</b>				
	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>
<b>Total Geral</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
<b>Agropecuária</b>	<b>25.08</b>	<b>18.29</b>	<b>12.34</b>	<b>10.22</b>	<b>9.05</b>
<b>Indústria</b>	<b>24.94</b>	<b>33.19</b>	<b>38.33</b>	<b>40.66</b>	<b>34.26</b>
* transformação	19.28	26.33	29.32	31.07	23.29
* construção civil	4.24	4.96	5.76	6.74	6.94
<b>Serviços</b>	<b>63.30</b>	<b>61.49</b>	<b>66.20</b>	<b>49.12</b>	<b>56.69</b>
* comércio	16.15	17.44	17.52	11.01	6.32
* transportes e comunicação	3.55	4.08	4.61	4.73	4.75
*instituições financeiras	3.72	2.79	6.43	7.76	11.06
* administração pública	6.81	6.54	9.87	6.48	10.64
<b>Outros Serviços</b>	<b>11.15</b>	<b>10.07</b>	<b>7.84</b>	<b>12.29</b>	<b>10.87</b>

Fonte: IBGE 1986, in São Paulo em perspectiva

Os dados da tabela 7, mostram que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu a uma taxa anual média de 7.9%. A indústria de transformação e a construção civil sustentaram este processo, expandindo-se a taxas médias anuais elevadas, da ordem de 9.7% e 9.6%, respectivamente, enquanto para o setor serviços e para a agropecuária as taxas eram um pouco menores, 7.6% e 4.7% ao ano, ainda que superiores ao crescimento médio da população brasileira (4.09%).

As atividades que lideraram o crescimento no Setor Serviços foram as instituições financeiras (10.6%), que se transformaram rapidamente a partir da segunda metade dos anos 60, e os transportes e comunicações (8.9%). Este desempenho foi explicado, basicamente, pela montagem dos segmentos mais importantes da indústria pesada, que exigia um conjunto de atividades complementares à atividade produtiva. No entanto, é importante destacar que as atividades de serviços voltadas para o consumo dos indivíduos e das famílias - agregadas no setor outros serviços - tiveram um desempenho excelente, crescendo a uma taxa anual média de 8.3%, o que significa a incorporação de expressivos contingentes populacionais ao mercado de trabalho urbano e também ao consumo.

O desempenho dos Serviços indica dois movimentos:

- O avanço da industrialização, principalmente depois de 1956 quando se teve induzido o crescimento acelerado nos serviços predominantemente voltados à produção.
- A rápida modernização das atividades agrícolas e o processo de urbanização intenso que criaram novas necessidades, que acabaram

modificando o perfil das atividades dos Serviços tanto de consumo individual como o coletivo.

No início dos anos 80, verifica-se o esgotamento do padrão altamente dinâmico de crescimento e o rompimento do desempenho positivo nos diversos setores de atividade. Ao longo dessa década, os grandes agregados do PIB apresentaram taxas anuais médias relativamente baixas em comparação as outras décadas referidas, como indicam os dados da tabela a seguir. A agropecuária e os serviços cresceram 1.4% ao ano, enquanto o conjunto das atividades apenas 1.1%.

"As tendências apresentadas pela evolução do produto do Setor Serviços, nos últimos 40 anos, mostram que os segmentos vinculados à atividade produtiva tiveram um desempenho mais favorável, comparativamente aos dos segmentos voltados para o consumo. Ainda assim, estes também apresentaram expressivos crescimento como resultado das profundas transformações sofridas pela estrutura sócio-econômica brasileira, antes marcada por padrões agrários e agora pela industrialização urbano-metropolitana. (DEDECCA e MONTAGNER, 1992).

A análise da evolução recente da estrutura ocupacional do conjunto do país mostra que houve significativa queda da participação da construção civil, acompanhada de diminuição da indústria de transformação, que foram contrabalançadas pela ampliação dos serviços.

**Tabela 9**  
**DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS OCUPADAS, SEGUNDO**  
**SETOR DE ATIVIDADES NÃO AGRÍCOLAS**  
**BRASIL 1981/1989.**

<b>Total Geral</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>
<b>Indústria de transformação</b>	21.40	20.00	21.90	20.80	20.70
<b>Indústria de construção civil</b>	10.00	9.30	8.70	8.80	8.10
<b>Outras atividades industriais</b>	2.40	2.60	2.00	2.00	2.00
<b>Comércio</b>	14.70	15.10	15.20	15.40	16.00
<b>Serviços</b>	34.60	35.90	34.30	35.40	35.20
<b>serviços I (*1)</b>	13.10	13.00	12.40	12.60	12.80
<b>serviços II (*2)</b>	21.50	22.90	21.90	22.80	22.30
<b>serviços III (*3)</b>	16.10	16.60	17.40	17.00	17.50
<b>Outros setores</b>	0.50	0.50	0.60	0.70	0.50

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por amostra de domicílio - PNAD. R.J.

\*1 São serviços financeiros, técnicos, auxiliares, de transportes e de comunicação.

\*2 São serviços de alojamentos, alimentação, reparação, e pessoais.

\*3 São serviços de administração pública e nas atividades sociais.

Agrupando-se as atividades de serviços de modo a permitir a distinção dos serviços distributivos (comércio), dos serviços ligados à produção (serviços I), dos serviços ligados ao consumo individual (serviços II), e dos serviços ligados ao consumo coletivo (serviços III), percebe-se que a ampliação da participação do Terciário na distribuição dos ocupados em atividades não-agrícolas não ocorreu, de modo geral, a partir do crescimento da participação dos serviços ligados à produção e esta mais correlacionada com os serviços mais diretamente ligados ao consumidor final (de ordem pessoal).

A esse respeito cabe observar:

- A comparação da evolução do PIB e da estrutura ocupacional do país mostra que o menor dinamismo em termos de produto não foi

acompanhado por mudanças expressivas da estrutura ocupacional brasileira.

- As mudanças foram de dimensão relativamente pequena para efetivar uma reestruturação ocupacional não-agrícola no país.

Com relação a essas proposições o que se verifica para o conjunto do país e que parece não ter sido realizado um processo de reorganização produtiva de grande significância. Sem indicações de uma crescente participação dos serviços ligados à produção, nos moldes existentes nos países avançados.

Os dados também não permitem sustentar a visão que sugere uma "desindustrialização" do país e, portanto, o crescimento de um terciário tradicional.

Algumas evidências fazem com que se acredite que a tendência mundialmente percebida (terceirização/terciarização) não seja um movimento facilmente denotado no Brasil como um todo. O que se vislumbra é a possibilidade de São Paulo ser passível de alguma comparação com relação aos países desenvolvidos.

O que se considera para tanto é que sendo São Paulo, mais especificamente sua região metropolitana, o grande centro industrial do país, entende-se que essa região é a que mais se assemelha com a base comparativa escolhida (países centrais) e sua movimentação com relação a Terceirização/Terciarização.

"Em que pese a redução da concentração do VTI da indústria de transformação de 58% para 54%, no período de 1970-80, e para 49% no período 1980-90, São Paulo continua sendo o centro industrial mais moderno, mais diversificado e mais dinâmico do país, funcionando como

verdadeira engrenagem com a qual se articula a maior parte dos compartimentos industriais regionais." (NEGRI;1992).

"A cidade de São Paulo foi considerada como um local de industrialização diversificada, cujas características ocupacionais se aproximaram sucessivamente dos países desenvolvidos." (DEDECCA;1990). Como se pode observar nas tabelas a seguir:

**Tabela 10**

**Taxas reais de crescimento anual da economia e composição do PIB, segundo os setores. Brasil e Estado de São Paulo 1950/1990**

<b>Taxas reais de crescimento anual de empresa Participação do PIB</b>											
	<b>50/60</b>	<b>60/70</b>	<b>70/80</b>	<b>80/83</b>	<b>83/90</b>	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1983</b>	
<b>1990</b>											
<b>Brasil</b>	<b>6.9</b>	<b>6.8</b>	<b>9.4</b>	<b>-3.1</b>	<b>3.3</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Primário</b>	4.4	4.4	10.7	-8.9	2.6	26.6	22.6	10.2	10.2	9.7	9.1
<b>Secundário</b>	8.9	7.0	9.0	-1.9	2.8	23.6	25.2	36.3	40.7	38.9	34.3
<b>Terciário</b>	6.9	6.8	9.5	2.7	3.9	49.8	52.2	53.5	49.1	51.4	56.7
<b>Estado de S.P.</b>	<b>7.7</b>	<b>8.6</b>	<b>11.0</b>	<b>-2.8</b>	<b>3.6</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Primário</b>	8.0	3.0	8.8	0.8	0.02	7.7	8.0	4.7	4.1	3.9	3.6
<b>Secundário</b>	17.0	11.2	12.7	-6.2	1.9	13.8	31.7	40.7	50.2	42.8	41.1
<b>Terciário</b>	4.9	7.4	8.4	0.4	4.7	78.5	60.3	54.6	45.7	53.3	55.3

Fonte: IBGE-SEADE, in São Paulo em perspectiva

**Tabela 11**

**Composição do PIB, segundo Setor de Atividade Estado de São Paulo 1980/90**

<b>Setor de atividade</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>
<b>PIB total</b>	100.0	100.0
<b>Agropecuária</b>	3.3	3.9
<b>Indústria</b>	47.5	42.1
<b>Serviços</b>	49.2	54.1

Fonte: IBGE-SEADE, in São Paulo em perspectiva

"São Paulo portanto, se destaca pela importância do setor industrial- cerca de 30% do total- atividade de peso inferior nas demais regiões metropolitanas. Isso significa que, apesar de uma nova especialização dessa atividade, São Paulo permanece sendo o grande centro industrial do país (...) o setor serviços dessa metrópole é o "mais enxuto", apresentando uma participação menor que os demais. No entanto, este setor adquiriu especial importância, tendo em vista a natureza de sua dinâmica e a estrutura de sua composição. Trata-se de um setor cujo comportamento, frente a reestruturação industrial e espacial e a crise brasileira dos anos 80, não caminha para o padrão reiterado encontrado nas economias periféricas.

Em outras palavras, observa-se um processo de terciarização em São Paulo, mas com progressiva aproximação ao terciário de serviços chamados produtivos, cuja dinâmica se encontra diretamente ligado ao setor industrial, com ampla redivisão do trabalho inter e intra-setorial." (LAVINAS e NABUCO;1992).

**Tabela 12**

**Distribuição dos ocupados, segundo Setor de Atividades Região Metropolitana de S.P., R.J. , B.H. e Recife**

<b>Setor de atividade</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Rio de Janeiro</b>	<b>Belo Horizonte</b>	<b>Recife</b>
<b>total</b>	100.0	100.0	100.0	100.0
<b>Indústria de transformação</b>	29.38	15.70	18.26	13.20
<b>construção civil</b>	6.48	8.22	10.14	6.42
<b>comércio</b>	14.80	14.79	13.71	17.96
<b>Serviços</b>	44.63	52.63	50.45	49.97
<b>Outros</b>	4.33	8.63	7.41	12.42

Fonte: IBGE. in São Paulo em perspectiva.

Como visto na tabela 9, de maneira geral, não se pode afirmar que o aumento dos serviços no Brasil se verifique em função dos serviços produtivos; esse é um elo que se faz mais evidente em São Paulo, como mostrou-se nos parágrafos anteriores. No entanto, o Terciário também tem aumentado em outras regiões porém, por razões distintas. Razões como: maior número de atendimento ao consumidor e o aumento de serviços prestados pelo setor público. Desse modo tem-se que o país se encontra em a duas possíveis linhas de reorganização econômica como as sugeridas por Dedecca e Montagner (1992). São elas:

- A reestruturação acelerada dos países desenvolvidos, para a qual não se tem recursos financeiros e tecnológicos suficientes.
- A outra seria aquela que muitos países da América Latina se enquadram, que é a especialização de exportação de matérias-primas ou produtos industriais, que possuem baixo valor agregado e tecnológico. O que seria o mesmo que caminhar para a “desindustrialização”, já que acarretaria em uma desarticulação dos parques industriais produtivos do país.

Isso posto, talvez a reestruturação econômica para o país exija medidas heterogêneas assim como o quadro referente ao setor terciário. Ou seja, mesmo com pontos em comum com as economias centrais o país precisa considerar suas particularidades e a partir delas encontrar uma linha de ação adequada as suas carências possibilitando assim, uma reestruturação satisfatória a sua realidade.

Como qualquer medida a ser tomada, é necessário ressaltar alguns pontos já vivenciados em outras economias como experiência e como forma de evitar os mesmos erros. Assim, tem-se que o aprofundamento da industrialização resultando na crescente

terciarização da estrutura econômica, como mostra a experiência dos países centrais, pode gerar uma fragmentação das relações de trabalho, maiores taxas de desemprego e deterioração da distribuição de renda setorial.

Os problemas enfrentados pelos países em busca de um desenvolvimento mais equânime devem considerar, por um lado, os novos rumos da divisão intra e intersetorial, promovida pela maior integração das atividades produtoras de bens e serviços, pois esta tendência tem-se firmado como trajetória dos países industrializados.

Por outro lado não se pode deixar de levar em conta as novas implicações deste processo sobre as disparidades socio/regionais, e formulando medidas que as amenizem e até mesmo que possam vir a solucioná-las.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terciarização vem sendo uma tendência nos países avançados; seu ritmo mais intenso de crescimento tem como raiz Reestruturação Industrial que caracteriza o desenvolvimento recente dessas economias. No contexto do novo panorama de exigências do mercado mundial que se tornava mais competitivo e portanto mais ávido de novas formas de produção e de produtos que pudessem viabilizar o sucesso das empresas. Isso principalmente pela saturação em que se encontrava o mercado. Nesse sentido, a tendência crescente à Terciarização foi um reflexo das novas medidas de sobrevivência das empresas, mais estreitamente correlacionada com a Terceirização.

A evolução da terciarização tem reflexos também sobre outras variáveis como a renda e o emprego. Porém, o que se observa é a reorganização do setor superando a sua posição residual com relação ao primário e ao secundário. Na trajetória de maior integração e interdependência com os demais setores da economia, o setor se reorganiza como forma de se readaptar a sua nova importância diante do novo padrão de desenvolvimento da economia.

A nova posição do Setor Terciário faz com que aumente o ritmo de adoção das inovações, particularmente as relacionadas com a informática e informação. O setor serviços sempre foi intensivo em mão-de-obra o que exige uma adequação à realidade atual. Passa a ser prioritário elevar o nível de qualificação da mão-de-obra (educação e

treinamento), além de enormes investimentos em equipamentos que possam melhorar o trabalho dessa mesma mão-de-obra (tecnologia).

No caso do Brasil, verifica-se também uma tendência a mudança no setor terciário. Este tem tido uma nova inserção na economia, mas não com o mesmo peso e natureza do que ocorre nos países desenvolvidos. Isso porque a distribuição estrutural da mão-de-obra produtiva ainda não sofreu uma significativa reestruturação, a economia ainda está bem centralizada nas atividades relacionadas à indústria e à agricultura. Ainda assim, o setor terciário tem apresentado modificações relevantes para o seu perfil, elevando sua participação na economia do país. Próximo ao movimento existente nos países industrializados, o Brasil possui a região de São Paulo que é a mais desenvolvida do país em termos de indústrias. Não se pode deixar de considerar, contudo, a elevação da participação dos serviços em outras regiões do país, mesmo que essa participação se deva a outras razões como por exemplo os serviços caracterizados pelo atendimento ao consumidor (alojamento/alimentação/reparação...) e também por serviços prestados pelo setor público (administração pública/atividades sociais...).

## BIBLIOGRAFIA

- BARRAS,R. "Towards a theory of information in service", in *Research Policy*,vol.15,1986.
- BLADES,D. "Goods and Services in OCDE Countries",*OCDE Economic Studies*.
- CHANDLER,A.D."The Visible Hand: The Managerial Revolution",in *American Business*. Cambridge,1977.
- COUTINHO,L. "Terceira Revolução Industrial." In: *Economia e Sociedade* ,Unicamp 1992.
- DEDECCA,C.S. e MONTAGNER,P. *A questão da terciarização na região metropolitana de São Paulo*.
- DEDECCA,C.S. e MONTAGNER,P "Crise Econômica e Desempenho do Terciário", in *São Paulo em Perspectiva*, v.6 julho/set. 1992.
- DEDECCA,C.S. *Crise econômica e desempenho do terciário nos anos 80*. 1992
- DEDECCA,C.S. *Flexibilidade produtiva das relações de trabalho. Considerações sobre o caso brasileiro*. 1993.
- DIEESE, *Os trabalhadores frente à terceirização*
- FAJNZYLBER,F. *Dinamica Industrial en las Economias Avaneadas y en los países Semi-industrializados*. México 1980.
- FAJNZYLBER,F. *La industrializacion Trunca de America Latina*.CEE.1982.

GONÇALVES, M.F. e SEMEGHINI, V.C. "A modernização do setor Terciário paulista", in *São Paulo em Perspectiva* v.6 julho/set. 1992.

HESKETT, L.; JONES, T.; LOVEMAN, G.; SASSER, W. e SCHLESINGER, L. "Putting the Service-Profit Chain to work", in *Harvard Business Review*, março/abril 1994.

HILL, T. P. "On goods and services", in *The Review of Income and Wealth*, 1977.

IBGE, *Censos Econômicos de 1985 - Censos dos Serviços*

KATOUZIAN, M.A. "Development of the Service Sector: A New Approach", in *Oxford Economic Papers*, vol.22, novembro 1970.

KON, A. "Setor Terciário Paulista, Desenvolvimento e Estagnação", in *São Paulo em Perspectivas* v. 6. julho/set. 1992.

LAVINAS, L. e NABUCO, M. R. "Crise Econômica e Terciarização no mercado de trabalho", in *São Paulo em Perspectiva*, v.6 julho/set. 1992.

MENES, J. "U.S. Industrial outlook Forecasts Exports to Lead Fast-Growth Sectors in 1994.", in *Business America The Magazine of International Trade*. jan. 1994.

MOMIGLIANO, F. e SINISCALTO, D. "Mutamenti strutturali del sistema produtivo - Intergrazione tra industria e settore terziario", in PASINETTI, L. *Mutamenti Strutturali del sistema produtivo - Integrazione tra industria e settore terziario* - il Mulino, 1986.

NEGRI, B. "Industrialização e Terceirização no Estado de São Paulo", in *São Paulo em Perspectiva*, v.6 julho/set. 1992.

PALMER, J.D. "Consumer Service Industry Exports: New Attitudes and Concepts Needed for a Neglected Sector", in *The Columbia Journal of World Business*, spring 1985.

PETIT,P."Information Technology and Economic Perspective - Automation of Services: The case of the Banking Sector",in OCDE, Paris1984.

PORTER,M. *A Vantagem Comprtitiva das Nações*

RIDDLE, D. *Service-led growth - the role of the service sector in the world development*, 1986

ROACH,S.S. "Services Under Siege - The Restructuring Imperative", in *Harvard Business Review*,setembro/outubro 1991.

SABOIA,J. "O Terciário um setor em crescimento no Brasil", in *São Paulo em Perspectiva*,v.6 julho/set.1992.

SAPIR,A. "Trade in Services: Policy issues for the eighties", in *The Columbia Journal of World Business*,vol.18,outono 1982.

SCHLESINGER,L.A. e HESKETT,J.L. "The Service-Driven Service Company", in *Harvard Business Review*,setembro/outubro 1991.

SHELP,R.K. *Beyond Industrialization: Ascendancy of the Global Service Economy*,N.Y.: Praeger,1981.

SILVA,A.C.M. *Serviços e Desenvolvimento - Algumas considerações. Relatório de Pesquisa do projeto Reestruturação da Indústria a Nível Internacional e Inserção do Brasil*. Campinas,NEIT/IE/UNICAMP,1990.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC, *Os trabalhadores e a Terceirização*.

SUZIGAN,W.(org.) *Reestruturação industrial e competitividade internacional*. SEP/SEADE-FECAM/UNICAMP 1989.

TEAL,T. "Service Comes First: An interview with USAA'S Robert F. McDermott", in *Harvard Business Review*, set/out.1991.

TEIXEIRA,A. *O Movimento da industrialização nas economias capitalistas centrais no pós-guerra*. R.J. URFJ. 1983.